



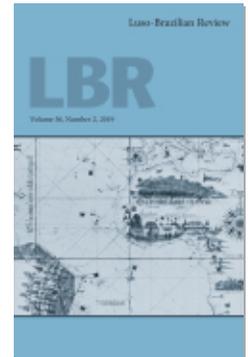
PROJECT MUSE®

As máscaras de Lélío : política e humor nas crônicas de Machado de Assis (1883–1886) by Ana Flávia Cernic de Ramos (review)

Lúcia Granja

Luso-Brazilian Review, Volume 56, Number 2, 2019, pp. E17-E19 (Review)

Published by University of Wisconsin Press



➔ For additional information about this article

<https://muse.jhu.edu/article/746862>

Ramos, Ana Flávia Cernic de. *As máscaras de Lélío: política e humor nas crônicas de Machado de Assis (1883–1886)*. Campinas, Editora da UNICAMP, 2016, 405 pp.

Em *As máscaras de Lélío: política e humor nas crônicas de Machado de Assis (1883–1886)*, Ana Flavia Cernic Ramos analisa a dimensão coletiva da série de crônicas publicada pela *Gazeta de Notícias* no Rio de Janeiro entre 1883 e 1887, com destaque para o trabalho de Machado de Assis, cuja colaboração estendeu-se de 1883 a 1886, mas situando-o em um projeto literário-jornalístico no qual vários cronistas, ou narradores de ficção segundo a autora, adotam diferentes pontos de vista, em uma tentativa de interpretar e conferir sentido aos acontecimentos do cotidiano e da vida política do Império. Considerando constantemente a indeterminação histórica na qual navega o sujeito, a professora-pesquisadora destaca a identidade de Lélío, que é um narrador-personagem das crônicas, criado por Machado de Assis a partir das inúmeras referências literárias que a autora investiga cuidadosamente, configurando, dessa forma, a “persona” cambiante de um narrador que lê no cotidiano da vida política e social do Rio de Janeiro uma relação entre, por um lado, os acontecimentos e seus relatos jornalísticos e, por outro lado, a ficção e alguns velhos esquemas retóricos utilizados no teatro da política.

Fruto de um trabalho acadêmico preparado por longos anos de dedicação às “Crônicas de Lélío” machadianas, o livro sobre esses textos em ambiente coletivo é indispensável a todos os que se têm dedicado à obra de Machado de Assis. Em primeiro lugar, Ana Flavia Cernic Ramos avança com inteligência antigas polêmicas entre historiadores e literatos a respeito do narrador cronista de Machado de Assis. Na querela, esse narrador-cronista seria porta-voz da análise que Machado de Assis faz do contexto imediato que comenta, intermediada pela ironia (literatos); por outro lado, a voz que narra seria um narrador de ficção à moda daqueles dos contos e romances, sujeito à indeterminação histórica, e que analisa os fatos a partir das máscaras possíveis à personagem (historiadores). Depois de expor com cuidado e detalhes essa polêmica e tomar partido coerente com sua formação, a pesquisadora dá profundidade ao seu ponto de vista, ao mostrar que as estratégias narrativas das crônicas coincidem muitas vezes com aquelas utilizadas pelos narradores machadianos da ficção clássica (contos e romances). Na verdade, essa é uma alegação antiga da crítica que se debruçou sobre os escritos jornalísticos machadianos: desde o início dos anos 1860, há nas crônicas machadianas estratégias narrativas que serão retomadas pelos narradores da ficção machadiana vinte anos mais tarde. No entanto, no livro de Ana Flávia, contos e crônicas são colocados lado a lado. Se isso prova que a relação entre a novidade da ficção machadiana e a poética da escrita jornalística é uma questão incontornável, as semelhanças entre gêneros dão verossimilhança à argumentação de que os narradores da crônica machadiana equivaleriam à composição de Brás Cubas ou de Dom Casmurro, como personagens-narradores. Além disso, Cernic

Ramos aponta com clareza, e pela análise dos textos, que um personagem-narrador manipulado por Machado de Assis cria distanciamento crítico entre um e outro (criador e criatura) e possibilita a construção de enigmas, alegorias, entre outros, oferecidos ao trabalho do público. O leitor do estudo tomará o partido que desejar, mas as análises sobre os sentidos das polêmicas literárias e batalhas em torno de questões candentes nos anos finais da escravidão, que a autora analisa na segunda e terceira partes do volume, em nada serão afetados por essa postura metodológica que, há alguns anos, dividiu a crítica machadiana.

Na segunda parte do estudo, “A Batalha literária de Machado de Assis nas *Balas de Estalo*” recompõe toda a discussão da crítica machadiana e de outras vozes polêmicas desde os anos 1870, em torno da relação entre realismo literário, ideias novas e verdades científicas. Criticado por seu “passadismo romântico,” a resposta machadiana estará na paródia das “novidades” na crônica dos anos 1870 e no ambiente ficcional. Ao mesmo tempo, a análise das “Balas” mostra que “se, na década de 1870, o embate com realistas e naturalistas tinha as suas motivações morais e estéticas, em 1880, quando algumas teorias científicas adquiriam mais prestígio, fica evidente que os projetos literários da nova geração”(199) desdobram essas questões como discussão política, o que, nas “Balas de Estalo,” resulta de questionamentos que relacionam invenções, novidades, leis, estratégias retóricas, entre outros, à manutenção de desigualdades.

Na terceira parte, “a desilusão de Lélío” resultará na transformação progressiva do pseudônimo. Acontecimentos históricos vividos a partir dos últimos meses de 1884, relativos à questão da emancipação e às eleições, determinarão que o jovem e enamorado Lélío da comédia *Dell’Arte* identifique-se, a partir de então, com outras figuras, como a de Pantaleão, mais velho, ranzinza e pessimista. Analisando detidamente as crônicas escritas por Machado de Assis, Ana Flávia recupera as estratégias narrativas em que Lélío, personagem-narrador, alinha-se falsamente a discursos correntes, destacando-se por esse artifício de Machado de Assis. Nesse caso, o escritor, que parecia afirmar o contrário do que diz Lélío, obriga o leitor a decifrar alegorias e separar as vozes narrativas do texto, procedimento não estranho ao que vem sendo descrito para a ficção do escritor, mas na crônica. Lélío seria, de um outro ponto de vista, a ironia machadiana. Por meio dessas mesmas análises textuais, a historiadora faz com que os textos de Lélío dialoguem com os acontecimentos e suas repercussões em diferentes jornais, evidenciando ainda o posicionamento das “Balas” de Lélío em relação ao dos outros pseudônimos da série; ao mesmo tempo, as análises das crônicas evidenciam o interesse de Lélío pela retórica de manual dos políticos, pelas “casacas” (ideias emprestadas que abasteciam os discursos), investigando aqui as “fronteiras entre o ser e parecer ser.” (224)

Se Lélío, como personagem machadiana, permite ao literato um distanciamento crítico em relação à série, criando, naquilo que conta, sentidos manipulados por Machado, são esses mesmos contemporâneos de Lélío e de Machado de Assis, chamados a decifrar o texto, que representam aqueles para quem a escravidão não poderia estar com os dias contados, mas dependia tanto dos acordos

políticos entre Liberais e Conservadores em torno do projeto de emancipação dos escravos sexagenários quanto de outros fatos políticos que pouco a pouco desenharam a vitória das elites e do pensamento senhorial. Lélío demonstra decepção com o posicionamento assumido pelos liberais nesses debates, além de uma certa indignação diante dos deputados e candidatos a senadores que, na época, sem coragem de se posicionar publicamente, adotavam estratégias retóricas das mais impensáveis para fazer oposição ao projeto e ao ministério Dantas. As eleições de 1884 deram a Lélío o caminho mais certo para a desilusão, inclusive em relação a certas posturas da *Gazeta de notícias* e de seu proprietário, Ferreira Araújo, posto que a reforma eleitoral de Saraiva (1881) tivesse reduzido o eleitorado e, segundo a autora, “Lélío (...) via naquela redução (...) um instrumento poderoso para acentuar ainda mais o aspecto clientelista das eleições do Império.” (298) Esse “naufrágio das ilusões” acontecia em um momento importante para o debate de ideias e para o futuro da escravidão, o que parecia “aos olhos de Lélío, um espetáculo antigo, já muitas vezes representado no Império.” (301) Um novo projeto para a libertação dos escravos sexagenários em 12 de maio de 1885 trouxe uma derrota mais definitiva e a retirada de Lélío das crônicas dessa série, desapontado e melancólico.

Além de recuperar os sentidos históricos que as crônicas de Lélío propõem e de avançar a discussão sobre a natureza ficcional (historiadores) ou ficcional-referencial (literatos) das crônicas machadianas, Ana Flávia Cernic Ramos oferece aos leitores uma interpretação completa da trajetória circunscrita pelas “Crônicas de Lélío,” já que o personagem-narrador, que passa do tipo jocoso ao desencantado, transforma-se de acordo com os rumos dos acontecimentos, interpretação que insere o narrador em uma radical indeterminação histórica em relação a embates literários, ao campo das ideias, à política.

Esse livro da coleção “Várias Histórias” da Editora da UNICAMP, parceria entre o CECULT (Centro de Pesquisa em História Social da Cultura—IFCH—UNICAMP), se tornará referência obrigatória aos estudiosos das crônicas machadianas. Além disso, todos aqueles estudantes e pesquisadores que desejam compreender melhor as “batalhas do realismo,” as polêmicas em torno do “bando das ideias novas,” ou o ambiente político dos anos finais da escravidão, sobretudo naquilo que concerne às “leis” do Sexagenário, não poderão passar ao largo de *As máscaras de Lélío*.

Lúcia Granja
Universidade Estadual de São Paulo
lucia.granja@unesp.br